

Tito na véspera da Conferência de Colombo:

“O não alinhamento é uma necessidade permanente da humanidade de hoje”

ENTRE 15 e 19 do corrente, terá lugar em Colombo, capital do Sri Lanka, a V Conferência dos países não alinhados. Quinze anos decorreram já sobre o momento histórico em que representantes de 25 Estados se reuniram em Belgrado (de 1 a 6 de Setembro de 1961), acedendo assim ao convite de Tito, Nehru, Sukarno, Nasser e do rei do Afeganistão para, todos juntos, encontrarem uma linha de rumo que lhes permitisse fazer ouvir a sua voz num mundo dividido em dois blocos. Agora, no Sri Lanka (o antigo Ceilão), encontrar-se-ão os Chefes de Estado ou de Governo de 82 países — tantos quantos os que hoje integram o grupo dos Não Alinhados — e bem assim representantes de 11 outros Estados (entre os quais Portugal), estes a título de observadores.

O que foi, ao longo desta década e meia, pretende hoje e deseja amanhã ser aquele grupo, é o tema da entrevista que o marechal Tito, presidente da República Socialista Federativa da Iugoslávia e fundador do não-alinhamento, concedeu em Brioni ao director e ao chefe de redacção da agência noticiosa iugoslava

Tanjung, respectivamente, Petar Ivacic e Jak Koprivic. Entrevista cedida em exclusivo ao EXPRESSO pela IPS (Inter Press Service), e que abaixo se transcreve.

«O não alinhamento não é um fenómeno transitório nem limitado no espaço, mas sim uma necessidade permanente da humanidade de hoje» — é uma das frases do marechal Tito, que bem reflecte a sua profunda convicção na justiça da causa por que continua a lutar. Convicção ainda mais reforçada pelas chantagens e pressões a que os países não alinhados — quase todos pertencentes ao Terceiro Mundo — se vêem submetidos, e pelas tentativas de semear discórdias entre eles. No entanto, Tito afirma-se «convencido de que os não alinhados se apercebem do perigo que representam tais tentativas e que desenvolverão os máximos esforços para manter e fortalecer ainda mais a sua unidade». E ainda que «o espírito de unidade e de solidariedade se manifestarão, com mais intensidade ainda, na próxima Conferência de Colombo».

PERGUNTA — Quinze anos transcorreram desde a primeira conferência celebrada em Belgrado. Camarada Presidente, quais são os êxitos mais importantes obtidos até agora pela actividade dos não-alinhados?

RESPOSTA — Creio que podemos olhar com orgulho para o caminho percorrido, e para os resultados obtidos pela política de não alinhamento desde a Conferência de Belgrado, em 1961, até hoje. Difícilmente encontraríamos na História um caso como este, em que um movimento de países e uma política nova se tenham afirmado tão rapidamente para constituir uma força internacional sem a qual é impossível resolver com êxito os problemas mundiais. Neste breve período de quinze anos o número de países não alinhados passou de 25 — foi esse o número de países que participaram na Conferência de Belgrado — para 83, como se verificou o ano passado na reunião ministerial de Lima. Não há dúvida de que, em Colombo, este número será ainda maior. Gostaria de fazer aqui referência apenas a alguns dos êxitos mais importantes do não-alinhamento, através dos quais se tem manifestado a firme missão revolucionária desta política, na sua qualidade de força motriz do desenvolvimento positivo das relações internacionais.



Josip Broz Tito



Foto da 1.ª Conferência dos países não-alinhados, efectuada em Belgrado em Setembro de 1966. A esquerda, a Sra. Bandaranaike, Primeiro-Ministro de Sri Lanka (Ceilão), que abriu a 5.ª Conferência, a realizar na capital do seu país, Colombo, no próximo dia 15 de Agosto

As relações políticas e económicas internacionais num mundo de efectiva interdependência, e de como se deve lutar para que sejam estabelecidas. Sem esta contribuição dos países não alinhados, que não são apenas um poder moral e político, mas também uma crescente força material, o mundo de hoje seria diferente e apresentaria menos dinamismo em todos os sentidos. Por isso, o não alinhamento não é um fenómeno transitório nem limitado no espaço, mas uma necessidade permanente da humanidade de hoje.

trasse naquela região. Aos países não alinhados corresponde o grande mérito de ter evitado uma divisão global do mundo em blocos, e que certos países e regiões se tenham libertado da dominação estrangeira, mantendo-se à margem das rivalidades desses blocos. Os não alinhados tiveram uma influência decisiva ao acelerar o processo de emancipação dos povos e dos países do colonialismo e de todo tipo de dependência. O não alinhamento chegou a ser, para a maioria dos povos e dos países, uma plataforma de actividades organizadas

de fortalecimento da sua independência. Compreende-se, portanto, que todos os países recentemente libertados tenham optado pelo não alinhamento. Os países não alinhados são o factor internacional promotor da acção dirigida para a construção de uma nova ordem económica internacional. Definiram os princípios e o alcance da solução deste problema central da nossa época, com o qual se enfrenta toda a humanidade de hoje. Através de todas as suas actividades, os países não alinhados deram uma grande contribuição à ideia de como deverão ser

Coincidência do não-alinhamento com os anseios mais progressistas dos povos do mundo

P. — Quais são, em sua opinião, os elementos mais importantes que fazem com que a política de não alinhamento tenha tanto poder de atracção para uma grande parte da humanidade, e que contribuíram para a sua afirmação tão poderosa?

R. — Primeiro, devemos ter em conta as condições que imperavam no mundo depois da Segunda Guerra Mundial. A poderosa vaga de emancipação e o fortalecimento das tendências libertadoras em todos os povos deram lugar a grandes transformações nas relações internacionais, originando antes de mais a decomposição do sistema colonial e a constituição de um grande número de novos Estados independentes. Surgiu uma longa série de questões novas em torno da natureza das relações políticas e económicas entre povos e Estados. Uma parte importante dessas novas questões opôs a favor de uma evolução dirigida para a constituição de relações sociais de novo tipo, assim como para o socialismo, que se tinha convertido em processo mundial. Por outro lado, as forças imperialistas, recorrendo a todos os meios, tentavam impedir ou tornar mais lentos estes processos positivos e por isso, precisamente,

deram início à guerra-fria. Pouco depois, foram constituídos poderosos agrupamentos «bloquistas», onde os Estados Unidos da América do Norte e a União Soviética, na qualidade de potências dominantes, desempenhavam um papel especial. Mas, ao mesmo tempo, aumenta a consciência de que o futuro da humanidade, a paz e a segurança dos povos não se podem basear em divisões e agrupamentos de países em torno de certas grandes potências. Em tais condições, o processo de emancipação dos povos adquire características de uma nova alternativa à divisão do mundo em blocos.

Recordando os acontecimentos a partir de 1956, em que, juntamente com Nehru e Nasser, assinámos a declaração de Brioni, a Conferência de Belgrado deu imediatamente forma e aspectos concretos aos países não alinhados e outros, através do movimento do não alinhamento. Antes de mais, porque os princípios e os objectivos desta política coincidem com os anseios mais progressistas dos povos do mundo. O atractivo da política de não alinhamento ficou bem patente, logo a partir do seu advento, com o número cada vez maior de países que se convenceram de que podiam realizar da melhor maneira a sua aspiração de fazer uma política de independência e desempenhar a função de protagonistas activos das relações internacionais, precisamente ao integra-

A acção nociva das grandes potências

P. — Os países não alinhados têm sido incapazes de assegurar a sua unidade? Contudo, não se agora, entre eles uma desunião bastante marcada com respeito às suas causas?

R. — Os países não alinhados depositaram muitas esperanças na política da distensão. Esta política tem um grande significado para a segurança e a paz, e deu já determinados resultados quanto à solução dos problemas que nos foram legados pelo período da guerra fria. Mas a maior parte dos países não obtiveram benefícios com essa política. Infelizmente, a diminuição da tensão limitou-se unicamente às relações entre certas grandes potências e entre certas regiões do mundo. Algumas potências, todavia, tentam aproveitar-se da diminuição da tensão como cobertura para criar esferas de interesses, para legalizar intromissões nos assuntos internos de outros países e até mesmo intervenções e agressões directas. Por isso, as críticas à distensão, provenientes de muitas partes, são compreensíveis, e o descontentamento justificado. Mas aqui entram também as ilusões com respeito à efectiva vontade de certas grandes potências para ter em conta os interesses dos outros países e do mundo em geral. Elas contemplam o mundo através do prisma dos seus próprios interesses e guiam-se pelo desejo de manter e consolidar as suas posições privilegiadas.

Recordando Nehru

P. — Camarada Presidente, desearíamos pedir-lhe que nos narresse algumas recordações e detalhes dos seus primeiros encontros com estadistas dos países não alinhados. Referimo-nos, sobretudo, aos encontros que precederam a reunião de Brioni e a primeira Conferência de Belgrado.

R. — Há vinte anos reunimo-nos aqui, em Brioni, Nehru, Nasser e eu. Aqui nasceram ideias importantes. Nesses tempos, a situação internacional era muito difícil. Corria-se o perigo de que a guerra-fria se transformasse numa

guerra quente. E nós discutíamos sobre o que deveríamos fazer. Concordámos que seria necessário tentar reunir todos os países que não faziam parte dos blocos. E manifestamo-nos através de uma breve declaração que os três assinámos, aqui, em Brioni. Foi assim que se iniciou a acção para convocar a primeira Conferência dos não alinhados, e que teve lugar em Belgrado. É claro que naquele tempo nem sequer podíamos imaginar o grande êxito que essa iniciativa iria ter mais tarde, nem que se iriam reunir tantos Estados. A sr.ª Bandaranaike, anfitriã da próxima conferência, participou na Conferência de Belgrado. Lamentavelmente, a maior parte dos meus amigos protagonistas desta política

Assim foram os começos. Hoje podemos afirmar que encontramos um caminho difícil, em que obtivemos muitos êxitos, desenvolvendo a nossa actividade e fortalecendo a acção dos não alinhados no mundo.

Por outro lado, as minhas recordações dos estadistas com que então trabalhei são tão numerosas e fortes que seria difícil referir-me de um modo especial a alguns, sem mencionar os outros. Assim, por exemplo, recordo-me dos meus

encontros com Nehru. Quando visitei a Índia pela primeira vez, em Janeiro de 1955, assisti, a uma importância, a um encontro com o Congresso, perto de Madrastra. Fiquei impressionado ao ver com que interesse e aprovação um milhão de pessoas nos ouviram, a Nehru e a mim, quando lhes falámos da luta pela liberdade, pela independência e pelas relações de igualdade entre os povos. Nessa oportunidade, Nehru declarou publicamente que a Índia tinha de seguir pelo caminho do socialismo. Desde o nosso primeiro encontro, Nehru e eu colaborámos muito estreitamente. A mim alegrava-me muito que Nehru, grande dirigente de um grande país, e eu, nos entendéssemos perfeitamente.

Nos também não desejamos que seja alterado o equilíbrio nuclear que, seja como for, representa uma garantia contra o perigo de uma guerra total. Assim como também não nos resignamos a que nos intimidem permanentemente com esse perigo, com o objectivo de que renunciemos a pedir que sejam modificadas as injustas relações políticas e económicas internacionais que actualmente existem. Somos partidários das negociações entre os grandes e poderosos, sempre que estas negociações não sejam prejudiciais para os outros países. Os países grandes e ricos devem tornar patente a sua grandeza e a sua preocupação pelo destino da humanidade através dos seus feitos e manifestando, sobretudo, uma maior compreensão dos problemas com que se enfrentam os países não alinhados ou os que se encontram em vias de desenvolvimento. Tudo o que foi conseguido até agora pelos países não alinhados na luta por uma participação equitativa na solução dos problemas internacionais e por criar condições propícias ao seu desenvolvimento em condições de normalidade, tudo isso foi alcançado graças ao poder dos princípios que têm vindo a defender e às suas actividades conjuntas. Desta maneira, aumentam a sua influência sobre a opinião pública mundial e a sua presença na cena internacional. Por outro lado, fortalecendo a sua independência e aumentando as suas forças, os países não alinhados, cada um em separado e todos em conjunto, poderão conseguir com a sua luta que todos os outros aceitem a aplicação universal da distensão.

Com efeito, a fundamental força motriz dos processos sociais e económicos que têm actualmente lugar no mundo, reside na irremediável aspiração dos povos a viver em liberdade e a edificar, sem estorvos, uma vida cada vez melhor e mais feliz. Enquanto que a distensão poderá favorecer esses processos, o abuso ou a sua aplicação unilateral poderão impedirlos.

Autogestão e não alinhamento: as duas bases da Iugoslávia

P. — Camarada Presidente, que medida esta atitude da política externa da Iugoslávia se encontra condicionada pela nossa revolução, pelo sistema socialista autogestionário e pela igualdade dos povos e nacionalidades dentro da Iugoslávia federada?

R. — A determinação iugoslava a favor do não alinhamento tem as suas raízes na guerra de libertação e até no nosso movimento revolucionário e antifascista ante-

rior à última guerra. Tendo em conta os pontos essenciais da política de não alinhamento — que são, antes de mais, a luta pela independência nacional, pela soberania, pelo desenvolvimento interno independente e pela cooperação internacional em pé de igualdade — torna-se então claro que tais princípios estiveram presentes, a nível teórico e prático, em todas as fases da nossa revolução. Não existe um único documento de importância, uma resolução ou intervenção, em que esses princípios não estejam presentes.

Há durante a guerra popular de libertação ou afirmava que todo o povo tem o inalienável direito à liberdade e a decidir por si próprio o seu destino, assim como à

igualdade com os outros povos. Neste princípio baseamos as nossas relações com todos os nossos aliados. Opusemo-nos decididamente a todo tipo de tentativas de nos imporem vontades estranhas, assim como às tentativas de dividir a Iugoslávia, de subordinar o nosso país e de limitar o seu desenvolvimento independente e livre. Sempre recusámos ser peças de um jogo em mãos de outros.

Quando, em 1950, aprovámos a lei de autogestão operária, partimos do conceito de que a nossa orientação a favor do desenvolvimento socialista autogestionário e a nossa política externa independente estavam em plena harmonia e interdependência. Os princípios fundamentais do sistema interno da

Lutar pela aplicação das decisões aprovadas

P. — A modificação das relações económicas no mundo, assim como a criação de uma nova ordem económica internacional, aparecem, cada vez mais, como pontos chave das relações internacionais e como um interesse vital para todos os países, e não só para os países não alinhados. Há pouco manifestou o seu descontentamento devido à falta de progressos nas negociações e devido às perspectivas incertas para a solução destes problemas. Em sua opinião, que seria necessário fazer para superar este estado de coisas?

R. — Destaquei várias vezes a importante contribuição da Conferência de Argel, que formulou energicamente a exigência e definiu o programa de acção para transformar radicalmente as relações económicas no mundo. Por iniciativa dos países não alinhados, foram celebradas duas sessões especiais da Assembleia Geral das Nações Unidas e foram aprovados documentos relativos ao estabelecimento de um sistema económico internacional mais justo. Além disso, foram celebradas uma série de conferências cuja actividade se caracterizou pelos esforços dos países não alinhados para que essas decisões fossem aplicadas de forma concreta. Mas aconteceu que a efectiva vontade da maior parte dos países industrializados para modificar essas insustentáveis relações económicas no mundo está muito longe das suas manifestações verbais. Isto tornou-se notório também na recente sessão da UNCTAD, em Nairobi. Testemunha-o, de um modo especial, a resistência à aceitação do chamado programa integral para resolver os problemas de matérias-primas — que compreende a constituição de um fundo comum —, assim como ao outorgamento de facilidades relativas às grandes dívidas dos países em vias de desenvolvimento. Há indícios de que alguns dos países mais industrializados aumentam inclusive a sua resistência a uma modificação e à criação de um sistema de relações económicas internacionais melhor e mais justo.

Um novo tipo de relações entre Estados

P. — É lógico que, quanto à definição e à aplicação da plataforma comum dos países não alinhados, e até nas suas acções concretas, haja diferenças e mesmo, de vez em quando, certas contrariedades. Mas é um facto que os países não alinhados sempre conseguem, particularmente nas conferências de Chefes de Estado ou de Governo, pôr-se de acordo com respeito ao programa de acção e às suas linhas estratégicas. Como são as dificuldades que surgem entre certos países não alinhados e que repercuções têm estas dificuldades na unidade e na capacidade de acção do movimento dos não alinhados?

R. — Entre Estados soberanos, de distintos sistemas socio-políticos, de culturas, tradições e, sobretudo, de níveis de desenvolvimento diversos, as diferenças com respeito a determinados problemas naturais, apresentam-se inevitáveis. É claro que essas diferenças, e mesmo contrariedades, também as há entre países não alinhados. Nem sempre é fácil superar tais dificuldades e contrariedades, sobretudo porque muitas delas aparecem como consequência do pensamento colonial e porque algumas são provocadas artificialmente e estimuladas de fora. Aqueles que desejam o fracasso da política de não alinhamento e que tentam semear o pessimismo nas nossas fileiras, apresentam estas diferenças como algo específico dos não alinhados, como se se tratasse, supostamente, de um fenómeno dominante e em aumento entre eles. Desta maneira confirmam as suas afirmações, melhor dito, os seus desejos, de que este movimento não seja capaz de, no seu conjunto, a fracassar. Mas não precisamos recordar quantas vezes tais «profetas» se têm equivocado. E mesmo nos casos em que os países não alinhados tinham opiniões diferentes, e até contrárias, com respeito a certas questões, sempre conseguimos, através da prática específica do consenso democrático e do respeito mútuo pelas suas opiniões, encontrar uma linguagem comum quanto à plataforma conjunta e às questões estratégicas fundamentais, que são a luta pela paz e pela segurança, pela independência, pelo desenvolvimento social e



Na 4.ª Conferência, realizada em Argel, a Organização de Libertação da Palestina, tomou parte com o estatuto de observador



Aspecto da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países não-alinhados, realizada em Agosto de 75 na cidade de Lima, com a presença de uma delegação portuguesa com o estatuto de convidado

Aspecto da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países não-alinhados

económico a todos os níveis, pela democratização das relações internacionais, pela estruturação de uma nova ordem internacional, etc.

É precisamente desta maneira que os países não alinhados têm vindo a fortalecer a sua unidade e a sua solidariedade, como acção prévia do êxito das suas acções comuns. O poder do não alinhamento não está em nenhum tipo de unidade monolítica de opiniões com respeito a todas as questões. Na verdade, sabemos perfeitamente que tais tipos de unidades foram impostos, a maior parte das vezes, e mantidos pela força. O movimento dos países não alinhados em si, e também pelo seu carácter democrático, apresenta um novo tipo de relações entre Estados, que não se baseiam na força, nem em nenhuma correlação de forças. Devo, contudo, referir que as forças interessadas em manter as actuais relações no mundo, tentam, precisamente às portas da Conferência de Colombo, aproveitar as diferenças existentes entre certos países não alinhados, e, o que é mais, fomentam-nas, tentando provocar a divisão entre os não alinhados e debilitar a sua unidade de acção e a sua missão. Não é portanto por pouco acaso que, precisamente a uma distância da Quinta Conferência, se insiste em trazer para o primeiro plano da actualidade certas contrariedades existentes entre alguns países não alinhados.

Estou convencido de que os países não alinhados conhecem o perigo de tais procedimentos e que poderão contribuir com o máximo dos seus esforços para manter a unidade e fortalecer a ainda mais. As conferências e as reuniões dos não alinhados celebradas até agora deram uma série de exemplos positivos neste sentido. Não duvido de que o espírito de unidade e de solidariedade estarão ainda mais presentes na próxima conferência de Colombo. Esperamos que em Colombo — tal como sucedeu nas conferências celebradas até agora — todos os nossos esforços sejam orientados para os aspectos essenciais e para os temas de interesse para todos. Estou certo de que a Conferência dará o seu máximo apoio a todas as atitudes de princípio, sobretudo nos casos em que se vejam ameaçada a integridade nacional e a soberania e a existência de algum país não alinhado ou movimento popular de libertação.

Estou convencido de que os países não alinhados conhecem o perigo de tais procedimentos e que poderão contribuir com o máximo dos seus esforços para manter a unidade e fortalecer a ainda mais. As conferências e as reuniões dos não alinhados celebradas até agora deram uma série de exemplos positivos neste sentido. Não duvido de que o espírito de unidade e de solidariedade estarão ainda mais presentes na próxima conferência de Colombo. Esperamos que em Colombo — tal como sucedeu nas conferências celebradas até agora — todos os nossos esforços sejam orientados para os aspectos essenciais e para os temas de interesse para todos. Estou certo de que a Conferência dará o seu máximo apoio a todas as atitudes de princípio, sobretudo nos casos em que se vejam ameaçada a integridade nacional e a soberania e a existência de algum país não alinhado ou movimento popular de libertação.

O caso do embaixador dos EUA em Belgrado

P. — As pressões de que fala também estiveram apontadas sobre a Iugoslávia?

R. — Sim. Quase todos os países não alinhados se vêem submetidos a pressões muito fortes. Conhecem a pressão que actualmente tem vindo a exercer-se sobre a Iugoslávia. Assim, por exemplo, o embaixador norte-americano em Belgrado, Siebermann, iniciou uma campanha contra nós nos Estados Unidos. Vejam bem o comportamento deste embaixador, que vale a pena fazer pressão sobre a Iugoslávia e critica todos aqueles que pensam de outra maneira. Dá lições sobre a nossa política interna e externa. Intromete-se

Responder aos que tentam semear a discórdia

P. — O mundo espera com grande interesse a Conferência de Colombo. Em sua opinião, qual será a contribuição desta conferência para o mundo e para o movimento dos não alinhados?

R. — Cada uma das conferências dos não alinhados deu a sua contribuição específica para o fortalecimento e desenvolvimento do movimento dos não alinhados, assim como para a modificação das relações internacionais. Estou convencido de que a próxima reunião de Colombo marcará uma nova fase na luta pelo progresso político e económico do mundo. Será de extraordinária importância que se reafirme os princípios fundamentais e que fortaleça ainda mais a missão do não alinhamento como elemento autónomo e insubstituível da edificação de um mundo mais justo e melhor. Deste modo, dará uma nova contribuição para a permanente expansão do movimento e para a aproximação política de uma série de países do não alinhamento, o que, por outro

lado, constitui um dos seus objectivos fundamentais. Tudo o que foi conseguido até agora neste sentido representa um dos maiores êxitos e ao mesmo tempo uma prova da vitalidade e das perspectivas históricas do movimento dos não alinhados.

A Quinta Conferência deverá advertir energicamente o mundo, e sobretudo os mais responsáveis dentro dele, sobre todos os perigos que engendra o actual estancamento na solução dos problemas e crises políticas e económicas agudas que têm vindo a acumular-se. Fixará o seu interesse no problema-chave da necessidade de modificar as injustas relações económicas no mundo e na necessidade imperativa de que todos os países se dediquem concretamente a este esforço decisivo. A Conferência deverá expressar claramente que os países não alinhados, assim como os outros países em vias de desenvolvimento, estão dispostos a dialogar e a negociar com os países industrializados. Chegou a hora de que os países industrializados façam o mesmo e deixem de insistir em manter o actual estado de coisas.

A Quinta Conferência deverá dar um passo decisivo a favor do cumprimento das decisões adopta-

das nas reuniões dos países não alinhados e na Organização das Nações Unidas. É igualmente necessário que defina os caminhos e os meios adequados para levar a cabo todos os programas de cooperação mútua e de solidariedade dos não alinhados até agora aprovados, e para os desenvolver ainda mais. Espera-se que a reunião de Colombo aperfeiçoe a prática e o sistema de coordenação das actividades dos países não alinhados. Isto torna-se indispensável tanto em vista do permanente aumento do número dos não alinhados, como também devido à grande extensão das suas actividades conjuntas.

Finalmente, deixo expressar uma vez mais a minha convicção de que nesta conferência se irá manifestar plenamente a unidade dos países não alinhados. Não devemos permitir que a conferência seja dominada por nenhum tipo de problemas bilaterais, pois ante nós apresentam-se numerosas questões importantes de interesse para todos. Esta atitude da nossa parte será a melhor resposta a todos aqueles que, recorrendo a pressões e a intromissões directas ou dissimuladas, tentam semear a discórdia entre os não alinhados e debilitar o seu papel e a sua influência nos acontecimentos internacionais.